

## **DISCUTINDO AS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE NOVAS METODOLOGIAS DIDÁTICAS**

*Nathália Rocha Morais<sup>1</sup>, Josandra Araújo Barreto de Melo<sup>2</sup>*

*1- Graduada em Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [nathalia\\_rochamorais@hotmail.com](mailto:nathalia_rochamorais@hotmail.com).*

*2 - Professora Doutora lotada no Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. Coordenadora da área de Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. E-mail: [ajosandra@yahoo.com.br](mailto:ajosandra@yahoo.com.br)*

*Artigo recebido em 14/10/2014 e aceito em 14/03/2015*

### **RESUMO**

O processo ensino-aprendizagem necessita ser aperfeiçoado constantemente. Nessa perspectiva, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID busca aprimorar a prática docente, através da inclusão dos estudantes de Licenciaturas nas escolas, proporcionando-lhes a ampliação da vivência nesse ambiente e para os professores a oportunidade de construir novas metodologias e rever sua *práxis*. Desse modo, este artigo resulta das contribuições do citado programa para a melhoria do ensino de Geografia. A partir das observações e da notória deficiência na construção de conceitos, foram trabalhadas as categorias espaço, paisagem e lugar, de forma a torná-las mais próximas dos alunos.

**Palavras-chave:** Ensino; Docência; Geografia.

### **DISCUSSING THE GEOGRAPHICAL CATEGORIES IN SCHOOL FROM NEW TEACHING METHODS**

#### **ABSTRACT:**

The teaching-learning process needs to be improved constantly. In this perspective, the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID seeks to improve teaching practice through the inclusion of Undergraduate students in schools, providing them with the expansion of the experience in this environment and teachers the opportunity to build new methodologies and review their practice. Therefore, this article is the result of contributions from the said program to improve the teaching of Geography. From the observations and serious deficiencies in the construction of concepts, categories were worked space, landscape and place in order to bring them closer to the students.

**Keywords:** Education; Teaching; Geography.

## INTRODUÇÃO

A Geografia, apesar de ser uma disciplina importante por atuar na formação de cidadãos para atuar conscientemente na sociedade, passa por uma realidade de certa desvalorização na escola, especialmente por parte dos alunos, sendo este fato um resquício da forma como fora conduzida ao longo de sua história. Essa visão gera o desafio para o professor de como trabalhar os conteúdos de forma a estimular o conhecimento geográfico, tornando-o significativo para os alunos. Nesse contexto, só através da prática docente torna-se possível desenvolver estratégias para superar as dificuldades encontradas em sala de aula.

Por outro lado, percebe-se grande dificuldade por parte dos alunos na compreensão de muitos conteúdos desta disciplina. Essas limitações decorrem, muitas vezes, pelo fato dos alunos não atentarem para a relação dialética estabelecida entre as categorias que compõem a Geografia e, sobretudo em decorrência de práticas mnemônicas de ensino que, postas para os alunos em determinada série, podem dificultar a compreensão posteriormente. Dessa forma, a compreensão das categorias geográficas, bem como do que representam deve fazer parte do conhecimento adquirido pelo discente, pois:

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua interação, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço (CAVALCANTI, 1998, p.24).

Tomando-se por base a experiência de vivência nas turmas de Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), Campina Grande, PB, proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/UEPB, percebeu-se a dificuldade de alguns discentes quanto à compreensão de alguns conteúdos da Geografia, motivada pela deficiência na construção de conceitos, considerados basilares para esta disciplina. Diante do exposto, foi efetuada proposta de intervenção/colaboração, propondo-se trabalhar as categorias de espaço, paisagem e lugar, de forma a aproximá-las dos alunos.

Compreender o que representa o espaço enquanto categoria de análise é importante para que se entenda a dimensão dos acontecimentos, suas causas e consequências. Esta categoria constitui-se de significado e estrutura própria e representa a sociedade em movimento com todos os seus efeitos. Portanto, no espaço coabitam homem e natureza e esta deve ser vista como uma produção contínua, com organização e reorganização, através da interação e interdependência dos elementos que a compõe.

Todavia, na abordagem geográfica de espaço tende-se a priorizar a ação humana sobre este, emergindo a análise do “espaço geográfico” que, de acordo com Moreira (1982),

estabelece relações sob determinação do social, que se reflete nas paisagens como uma construção e reconstrução, que revela os complexos geográficos.

Inseridos na análise espacial também estão os conceitos de paisagem e lugar, como indissociáveis e dependentes das transformações sociais. A paisagem reflete as alterações dos elementos naturais e artificiais do espaço, bem como do nível técnico das distintas sociedades, logo, é regida por uma lógica heterogênea de acumulação temporal (SANTOS, 1988, p. 66). Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, sua análise correta viabiliza,

uma Geografia que não seja apenas centrada na descrição empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente pela explicação política e econômica do mundo; que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição dos lugares e territórios. Enfim, buscar explicar para compreender. (BRASIL, 1998, pg.23)

Assim, a paisagem é a materialidade das ações do ser humano postas no espaço por ele ocupado e que variam de acordo com o momento vivido. Entendê-la possibilita ao aluno compreender muito da dinâmica social que permeia o espaço e a sociedade da qual ele é parte integrante. De cada relação estabelecida no espaço surge um significado singular, uma individualidade própria que faz emergir a noção de lugar como a experiência vivida por cada ser humano, bem como a representatividade afetiva desta.

De acordo com Tuan (1983), a categoria geográfica lugar está intrinsecamente relacionada ao espaço vivido e tudo que ele compreende para a sociedade, é tudo que o homem constrói ao longo do tempo e com o que estabelece relações de afetividade. Nessa perspectiva, a abordagem acerca das categorias geográficas se mostra de grande relevância, uma vez que “a finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço” (CAVALCANTI, 1998, p. 24).

Ademais, pode-se afirmar que, através da compreensão desse nível de análise, torna-se possível entender a construção e reconstrução da paisagem revelando a complexidade dos fatos geográficos, percebendo “que a ciência é uma forma de representação que vê e organiza o mundo através do conceito, restringindo a relação entre a imagem e a fala a esse nível de representação” (MOREIRA, 2007, p. 108).

Pretende-se a partir de uma proposta de intervenção didático-pedagógica na escola mencionada, elaborada pela equipe de bolsistas do PIBID, Subprojeto de Geografia/UEPB, contribuir para a compreensão das categorias de análise, considerando a utilização de

metodologias que chamem atenção dos alunos, tornando-os capazes de construir seus próprios conceitos. A utilização de imagens, filmes, dentre outros recursos propostos pelo projeto “A Geografia nos caminhos da tecnologia: novas estratégias e recursos didáticos para o ensino”; acrescentados à abordagem teórica da professora dessas turmas, buscou contribuir para o processo ensino-aprendizagem e para o aprimoramento da prática docente.

Nessa linha de pensamento, torna-se necessário adequar a *práxis* docente às necessidades dos alunos, a fim de propiciar um processo ensino-aprendizagem satisfatório, a partir da real contribuição da Geografia e da escola para a sociedade. Resgatar as categorias espaço, paisagem e lugar para a vida social dos alunos, de forma a retirá-las da abstração sob a qual são percebidas por muitos deles faz-se, portanto, primordial para que se superem as dificuldades observadas e para que se recuperem os princípios lógicos de entendimento desta ciência e disciplina escolar (MOREIRA, 2011, p. 105).

Mediante o exposto, este artigo tem como objetivo analisar o trabalho desenvolvido na mencionada escola, oportunidade em que foram associadas as categorias de análise espaço, paisagem e lugar à vivência dos alunos, a fim de facilitar o processo de aprendizagem da Geografia, tendo em vista a relevância social da disciplina na formação de cidadãos capazes de compreender e avaliar os fenômenos à sua volta.

## **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA E A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DE SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

A Geografia percorreu vários caminhos até que fosse institucionalizada como ciência, o que aconteceu a partir do século XIX, quando emergiram as condições propícias para isto, através de nomes como Karl Ritter e Alexandre Von Humboldt, que sistematizaram o que era tido, até então, como conhecimento geográfico, nesse sentido:

a sistematização do conhecimento geográfico só vai ocorrer no início do século XIX. E nem poderia ser de outro modo, pois pensar a Geografia como um conhecimento autônomo, particular, demandava um certo número de condições históricas, que somente nesta época estarão suficientemente maturadas. Estes pressupostos históricos da sistematização geográfica objetivam-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção. Assim, na própria constituição do modo de produção capitalista (MORAES, 1983, p.34).

De acordo com Claval (2011), a ciência geográfica teve um reconhecimento tardio, muito embora representasse o dia-a-dia do ser humano, desde os primórdios de sua existência. Diante deste fato, o que ocorreu, na verdade, foi uma ampliação sucessiva quanto à forma de

análise do meio no qual o ser humano está inserido, de forma a abranger análises antes excluídas da percepção geográfica.

Com o passar do tempo, muitas abordagens foram desenvolvidas a partir de perspectivas de análise diferenciadas, representadas pelas chamadas Escolas do Pensamento Geográfico, que priorizavam o que acreditavam ser o objeto de estudo da Geografia que, tempos depois, veio a se configurar como sendo o produto da análise das relações homem-natureza, dentro das mais diversas formas de manifestação.

No Brasil, a Geografia conquistou maior espaço a partir do ano de 1934, com a criação dos primeiros cursos de Geografia das Universidades de São Paulo e Federal do Brasil, dos quais faziam parte os discípulos de Vidal de La Blache, Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig. O conhecimento geográfico brasileiro sofreu forte influência da Geografia clássica alemã e francesa, caracterizadas pela memorização e descrição.

Até que adquirisse os moldes atuais, a Geografia passou por toda uma evolução em suas análises no contexto acadêmico, fato que, apesar de tudo, não retirou o estigma de uma disciplina desvalorizada pelos alunos, por acreditarem ser a mesma irrelevante em seu cotidiano, afora a própria desvalorização do professor, que é uma realidade.

Todavia, a Geografia deve ser considerada como de grande valia, uma vez que estimula a reflexão por meio de um conhecimento amplo e diversificado, possibilitando às pessoas discernirem situações diversas na sociedade, incentivando os alunos a pensarem, a compreenderem as razões da constante organização e reorganização espacial, com objetivo construtivo e não mais na perspectiva apenas de uma Geografia física, mas de todos os produtos resultantes das ações empreendidas pela sociedade sobre a natureza ressaltando, desta maneira, a interdependência entre esses dois componentes do espaço, mostrando que não há a dicotomia entre Geografia Física e Humana, pois estas caminham lado a lado na leitura do mundo, bem como na construção do caráter social que esta ciência contempla. Segundo Andrade (1987),

Ao se voltar à unidade de Geografia (...) não se pode deixar de classificá-la como Ciência Social. A sua preocupação central é a formação da sociedade e os tipos de intervenção que esta sociedade executa na natureza. Assim, a sociedade é o sujeito e a Natureza o objeto. Esta importância do social é acentuada ao se saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço (...) (Ibidem, p.18).

Nesse contexto, é pertinente o entendimento das categorias geográficas, visto que o espaço se mostra dinâmico e estas viabilizam a compreensão do fenômeno social e sua totalidade, compreendendo suas mutações espaço-temporais (MOREIRA, 2011, p. 108). Logo,

devem ser vistas como perspectivas balizadoras da ciência geográfica, as quais devem ser abordadas constantemente pelo profissional docente em atuação e não apenas em momentos específicos, como frequentemente ocorre nas salas de aula, a fim de proporcionar a captura e apreensão das marcas da sociedade sobre a natureza.

### **Espaço, paisagem e lugar: produtos culturais**

Considerado um dos conceitos primordiais da ciência geográfica, o *espaço* também é tido como dos mais complexos, sendo percebido como a condição para a ocorrência dos fenômenos sociais, daí a importância de uma abordagem didático-pedagógica que contemple a realidade do discente, o fazendo entender os fenômenos que se desdobram à sua volta. No contexto geográfico, tem-se que,

Em nosso caso particular isto supõe o reconhecimento de um objeto próprio ao estudo geográfico, mas isso não basta. A identificação do objeto será de pouca significação se não formos capazes de definir-lhe as categorias fundamentais. Sem nenhuma dúvida, as categorias sob um ângulo puramente nominal mudam de significação com a história, mas, elas também constituem uma base permanente e, por isso mesmo, um guia permanente para a teorização. Se queremos alcançar bons resultados nesse exercício indispensável devemos centralizar nossas preocupações em torno da categoria – espaço – tal qual ele se apresenta, como um produto histórico. São os fatos referentes à gênese, ao funcionamento e à evolução do espaço que nos interessam em primeiro lugar. (SANTOS, 1988, p. 116-117)

No sentido mais simples, essa categoria de análise poderia ser apresentada sob dois prismas: seriam considerados como espaços naturais aqueles ainda intocados pela ação humana. Em contrapartida, os ditos espaços geográficos corresponderiam as áreas que, de alguma forma, já foram submetidas à ação modeladora do homem. Todavia, de acordo com Santos (op. Cit.),

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre esses objetos; não entre esses especificamente, mas para os quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1988, p. 71).

Não diferentemente das demais categorias da Geografia, as discussões acerca do que é o espaço são diversas, transitando por todas as correntes geográficas ao longo da história. Entretanto, apesar de se iniciar a construção conceitual desta, é necessário aprofundar este conhecimento, trazendo para as discussões em sala de aula o grande significado da dinâmica social, que direciona a construção do espaço, é a partir dela que as formas são dotadas de funções que se adéquam a cada período, seja passado ou presente, assim se pode dizer que

“espaço seria um conjunto de formas, contendo frações da própria sociedade que se movimenta” (ROCHA, 2000, p. 131). Nesse sentido, tem-se “o espaço como uma instância da sociedade (...) ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida” (SANTOS, 2008, p. 12).

Nesse sentido, é papel do profissional docente buscar formas de intercalar esses conceitos geográficos nos conteúdos por ele ministrados a fim de, desde os anos iniciais, construí-los de forma sólida e coerente para que, em anos posteriores (ensino médio), não se percebam dificuldades que possivelmente irão se refletir na compreensão de diversos conteúdos da Geografia.

As diferentes formas de espacialização da sociedade ao longo do tempo refletem paisagens diversas. Em cada espaço surge, então, uma nova categoria de análise que deve ser trabalhada em sala de aula, onde o elemento tempo não deve ser dissociado dos conceitos de espaço e paisagem, uma vez que estes não podem ser analisados como categorias estáticas, sem movimento, sem transformação e esse fato deve ser posto na abordagem dos conteúdos, fazendo com que estes absorvam essa ideia para melhor entendimento dos fatos. Assim,

(...) a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos paralelamente de um lado um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território (...) isto é, a paisagem; de outro lado o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento (SANTOS, 2008, p.12).

É trabalho do professor mostrar aos alunos que, diante das constantes mudanças pelas quais a sociedade passa e submete o espaço, em decorrência de sua evolução técnica, o conceito de paisagem também se aprimora e já não deve ter seu significado restrito apenas ao que a visão é capaz de alcançar; fazendo-se necessário “(...) ultrapassar a paisagem para chegar ao seu significado” (SANTOS, 1988, p. 52), e muito menos relacionar este conceito apenas ao belo, ao bonito, fato que muitas vezes acontece na percepção dos alunos.

Dentro da organização espacial, a paisagem é o produto das distintas características de uma sociedade sendo, portanto, sua produção histórica, independente de ser bonita ou não. Nessa linha de abordagem, paisagem é “(...) um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja a da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais” (SUERTEGARAY, 2001, p. 5). Dessa forma, romper com o estudo estático da paisagem é de fundamental importância para que o educando se torne capaz

de discernir e posicionar-se diante dos fatos do cotidiano, percebendo que esta categoria não é o resultado apenas da ação da natureza, mas de toda a ação social que a permeia.

Bem como as categorias abordadas até então, o *lugar*, há muito, deixou de ter um significado generalizado para todos os espaços não devendo, portanto, ser trabalhada dessa forma em sala de aula, mas devendo-se considerar questões em termos da relação entre processos gerais e questões particulares (MASSEY, 2008, p. 84).

Cada porção do espaço possui significado próprio, que varia de acordo com o simbolismo que representa para uma determinada pessoa ou grupo de pessoas. Nessa perspectiva, Massey (op. Cit.) coloca a multiplicidade de identidades possíveis de serem atribuídas ao lugar em detrimento da sua relação estabelecida com o restante do mundo, dessa forma, emerge a compreensão da dinâmica espacial em escala amplificada, global.

Essa nova possibilidade de representação espacial traz consigo múltiplas interpretações, fato que permite ao profissional docente um leque de oportunidades para o trabalho pedagógico, inclusive inserindo neste a vivência dos alunos, seus conhecimentos e afetividades, processo tão valorizado no ensino de Geografia. Nessa linha de pensamento, a construção do conceito de *lugar* parte eminentemente da experiência de cada pessoa, bem como das relações estabelecidas nos diferentes espaços,

Assim, a experiência implica a capacidade de aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser construído em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p. 10).

Dessa forma, a construção desses conceitos geográficos não deve ser desassociada da dinâmica humana, uma vez que através de sua evolução o espaço é (re) construído e, conseqüentemente, as demais categorias associadas a ele tendem a acompanhar o desdobramento dessas novas realidades proporcionadas pelo aperfeiçoamento da técnica. Assim, torna-se imprescindível que o profissional docente tente acompanhar essas transformações, adequando sua *práxis* as novas tendências da educação para que possa obter maior êxito em suas abordagens.

## **METODOLOGIA**

### **Contextualização da pesquisa**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) busca contribuir para o aprimoramento da prática docente, através da inclusão de graduandos dos cursos de

Licenciatura nas salas de aula, proporcionando aos mesmos o conhecimento e vivência em ambiente escolar e para o profissional docente atuante na rede de ensino básico a oportunidade de construir novas metodologias e refletir sobre sua *práxis*.

Participando do planejamento das aulas junto ao professor titular, denominado no PIBID de professor supervisor, os licenciandos em Geografia podem sugerir metodologias que dinamizem os conteúdos, aproximando os conteúdos da realidade dos alunos e tornando-os mais significativos. A E.E.E.F.M. Senador Argemiro Figueiredo - Polivalente foi uma das escolas selecionadas para participar desta experiência, no período entre 2012 e 2014 e o projeto foi implantado nas turmas de Ensino Médio, nos turnos da manhã e tarde.

Observando cada turma, percebeu-se que a disciplina de Geografia é vista pelos alunos como cansativa e enfadonha, e estes utilizam como principal ferramenta de estudo o livro didático. A dificuldade de leitura e interpretação de textos e imagens é uma constante; a consequente incompreensão das categorias geográficas, basilares na análise e estudo do espaço geográfico, também se faz presente de maneira acentuada.

Considerando as dificuldades observadas em alunos quanto à compreensão de alguns conteúdos de Geografia, a partir da deficiência na construção de conceitos, foi proposto trabalhar as categorias espaço, paisagem e lugar, de forma a torná-las mais próximas aos educandos, ademais aprimorar nossa própria prática. Assim, buscou-se contribuir para que a troca de conhecimentos se processasse de maneira satisfatória, atendendo as perspectivas do ensino geográfico, a formação de cidadãos capazes de analisar o espaço em suas múltiplas dimensões.

### **Caracterização do público alvo**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, Polivalente, localiza-se na Avenida Elpídio de Almeida, bairro do Catolé em Campina Grande - PB (Figura 1), atendendo alunos de diversos bairros da cidade, nas modalidades de ensino fundamental e médio, além de trabalhar com a educação inclusiva e de jovens e adultos.

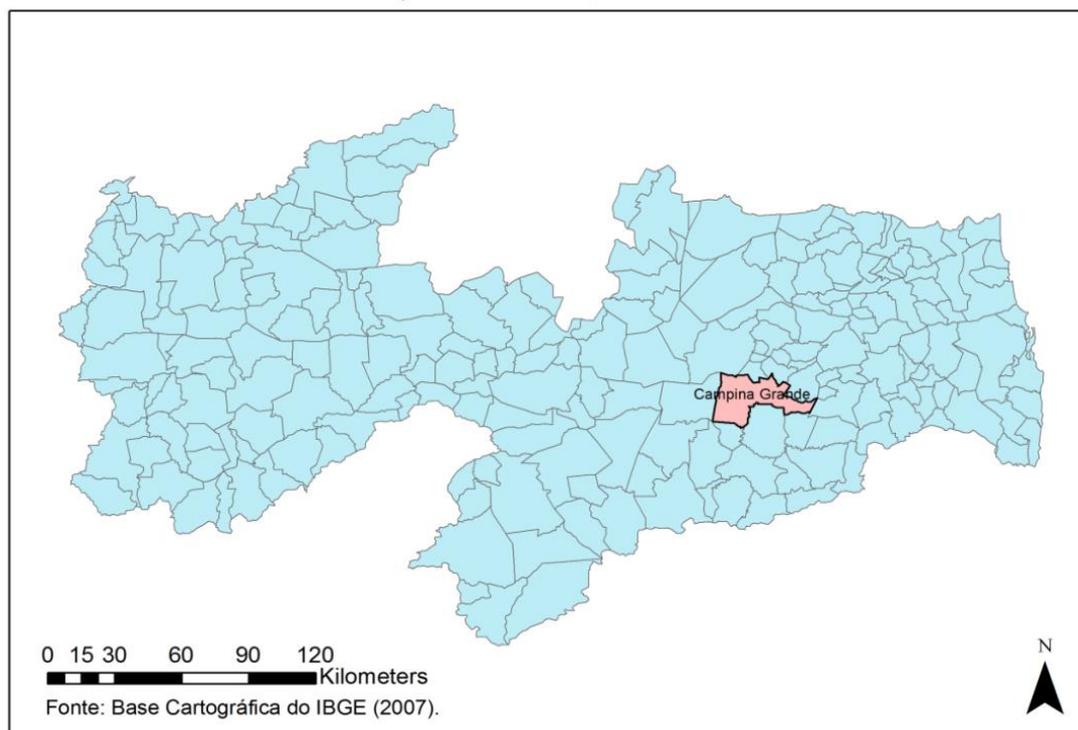
Portadora de boa estrutura física, a escola atende atualmente a 1346 alunos, dos quais os pertencentes ao ensino médio (turmas de 1º e 2º ano) estão envolvidos diretamente na proposta de atuação a equipe PIBID.

A escola além de direcionar suas ações à comunidade, estabelece parceria com o meio acadêmico, recebendo estagiários das variadas áreas do conhecimento e envolvendo-se em programas e projetos que julgam capazes de contribuir para a elevação da qualidade do ensino oferecido na instituição, a exemplo do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Considerando o pedido constante dos alunos por aulas mais dinâmicas e que utilizassem mais recursos, o projeto proposto para a atuação da equipe se orientou na influência e utilização de recursos como projetor, imagens, vídeos, dentre outros no ensino de Geografia.

**Figura 1:** Localização do município de Campina Grande no estado da Paraíba.

**ESTADO DA PARAÍBA, COM DESTAQUE PARA CAMPINA GRANDE**



Fonte: IBGE (2007).

Os alunos da mencionada escola vêm de diversos bairros da cidade em busca de um ensino de melhor qualidade. Nota-se que têm dificuldades na leitura e interpretação textuais, fato que contribui consideravelmente com as dificuldades na compreensão dos conteúdos geográficos. Essa deficiência é resultado de um processo de aprendizagem insuficiente e muitos desses alunos afirmam isso, a dificuldade de concentração e a falta de interesse também estão presentes nas turmas.

Todavia, as turmas inseridas na proposta de colaboração do PIBID se mostraram dispostas a superar as dificuldades no aprendizado, muito embora vários alunos considerassem o ensino de Geografia cansativo e sem utilidade.

### 1.1. Métodos

Após percorrer vários caminhos, a Geografia passou a considerar a percepção individual acerca dos fenômenos socioespaciais. A valorização dessas experiências emergiu com maior força a partir dos anos 1970, caracterizando uma nova abordagem da ciência geográfica. Para Tuan (1982), tem-se, nessa perspectiva, a Geografia Humanista considerando a ação humana no espaço e no lugar como um comportamento geográfico que inclui crenças, valores, símbolos e atitudes. Nessa linha de pensamento, essa nova forma de análise espacial

[...] está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 30).

Assim, sua utilização no ensino de Geografia se reflete na medida em que valoriza o conhecimento de vida do discente para viabilizar maior compreensão dos conteúdos abordados, proporcionando ao docente a possibilidade de desenvolver a prática em trabalhar as escalas local e global, facilitando o processo ensino-aprendizagem e despertando maior interesse nos alunos. Nessa linha de abordagem, o método humanista foi utilizado como direcionamento base deste trabalho, muito embora em alguns momentos também se tenha feito uso da dialética, haja vista ser difícil trabalhar com o ensino de Geografia sem utilizar as várias acepções para as categorias espaço, paisagem e lugar.

#### Técnicas

Tendo como ponto de partida a realidade do ensino de Geografia na Escola Polivalente, buscou-se *a priori* conhecer as turmas nas quais a equipe PIBID atuaria. A partir de então, foi verificada a dificuldade que alguns alunos tinham em compreender certos conteúdos da disciplina, deficiência resultante de práticas anteriores. A lacuna existente na compreensão de textos, imagens e das categorias base desta área do conhecimento se mostrou como uma realidade nas turmas observadas.

Nessa perspectiva, um projeto de intervenção didático-pedagógica foi elaborado com o objetivo de buscar formas de trabalhar os conteúdos que instigassem os educandos ao saber geográfico. Após a aplicação de questionários, percebeu-se que os alunos solicitavam a inserção de novas tecnologias nas aulas de Geografia. Partindo desta sugestão, buscou-se intervir com a utilização de recursos como o projetor e vídeos, além de utilizar imagens do próprio livro didático para dinamizar as discussões em sala de aula, sempre resgatando as categorias geográficas.

Durante as aulas e dentro de cada conteúdo, buscou-se abrir espaço para abordar oportunamente o conteúdo objeto de análise. Fazendo uso dos recursos solicitados pelos próprios alunos, procurou-se manter os conteúdos o mais próximo possível da realidade dos mesmos, promovendo um diálogo entre professor regente, bolsistas PIBID e alunos em sala de aula, tendo surtido efeitos positivos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A proposta base do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é contribuir para que o processo de ensino ocorra satisfatoriamente, viabilizando através da vivência em ambiente escolar a formação de profissionais docentes capacitados ao ato de lecionar, mas também busca prestar sua contribuição ao aprimoramento da prática docente, que deve ser um processo contínuo.

Considerando o projeto de intervenção elaborado e acompanhando as abordagens feitas pela professora regente em sala de aula, a partir do livro didático, procurou-se discutir as categorias espaço, paisagem e lugar, de maneira a estimular os alunos ao diálogo utilizando, *a priori*, recursos audiovisuais, a exemplo da música, imagens trazidas pelo próprio livro e o vídeo como facilitadores do processo de aprendizagem.

Na primeira intervenção, o conteúdo ministrado pela professora titular nas turmas de 1º ano era o espaço geográfico. Como ainda se tratava dos primeiros momentos de contato efetivo com os discentes, pouco a pouco se estabeleceu um diálogo tranquilo, por meio do qual se procurou fazer uma sondagem do conhecimento dos alunos a respeito da perspectiva de espaço geográfico.

Durante esta aula, as imagens contidas no próprio livro didático foram de grande utilidade, servindo de ponto de partida para a análise e discussão. E os alunos, naquele momento, mostraram ter assimilado as proposições acerca de tal categoria geográfica. Na mesma oportunidade, trabalhou-se o espaço local, a fim de identificar as transformações empreendidas pela ação do ser humano em seu local de vivência, ou seja, na cidade de Campina Grande, particularizando, sempre que possível, o bairro do Catolé, em que a escola está inserida.

Nessa perspectiva, os alunos foram levados para a sala de informática onde tiveram a oportunidade de acessar o aplicativo *Google Maps*, a partir do qual foram orientados pela professora regente e pelos integrantes da equipe PIBID, a traçar o percurso de suas casas até a escola, atentando para as transformações ocorridas ao longo do tempo fazendo, deste modo, uma análise espacial que envolveu, especialmente, as categorias espaço geográfico e paisagem (Figura 2).

**Figura 2:** Alunos do 1º ano na sala de informática, Escola Polivalente.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (Novembro/2013).

Avaliando a interação dos alunos durante a intervenção, pode-se dizer que a utilização de geotecnologias como o *Google Earth* e o *Google Maps* nas aulas de Geografia repercutiu de forma positiva, visto que este tipo de recurso desperta a atenção dos alunos, elevando a participação durante as aulas. Resultados semelhantes foram encontrados por Silva et al. (2011), em Agudo, RS, conforme citação seguinte:

Com a atividade, os alunos estabeleceram pontos de referência da Cidade, aproximando-se do seu lugar de vivência, o que possibilitou a compreensão da organização socioespacial local. O estímulo demonstrado pelos alunos no desenvolvimento da atividade, bem como sua capacidade em reconhecer o espaço e suas diferentes formas de organização espacial em diferentes culturas, confirmou o uso das geotecnologias como ferramenta valiosa para o ensino da Geografia, uma vez que trabalhar com a realidade do aluno a partir de novos recursos didáticos, desperta o interesse pela construção do conhecimento (SILVA *et. al.*, 2011, p. 01).

Na abordagem acerca do que é paisagem e lugar, utilizou-se o livro didático e, como um recurso adicional, a música/poema “A triste partida”, de Patativa do Assaré. Em sua composição, o poeta aborda características da paisagem nordestina, trazendo a tona o

sentimento de pertencimento de um indivíduo obrigado a deixar o seu lugar em busca de melhores condições de vida, mas que, a todo momento, lembra e sente saudade de suas origens,

Poema Triste Partida  
Por: Patativa do Assaré

(...) Distante da terra  
Tão seca, mas boa  
Exposto à garoa  
A lama e o paú  
Meu Deus, meu Deus  
Faz pena o nortista  
Tão forte, tão bravo  
Viver como escravo  
No Norte e no Sul  
Ai, ai, ai, ai(...).

O autor retrata as condições naturais do espaço nordestino, que imprimem no mesmo as paisagens características da região, trabalhando durante toda sua composição não apenas a categoria paisagem, mas também a questão referente ao lugar e as próprias características do local. Trabalhar com poemas e canções em sala de aula desperta a atenção dos alunos que, em sua grande maioria, escutam músicas em seu cotidiano, assimilando facilmente o seu conteúdo.

De acordo com Ongaro (2006), “a música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total”, ademais a escolha da letra, em coerência com o conteúdo explanado pelo professor é essencial e torna o tempo de aula mais dinâmico e leve, servindo de auxílio para o melhor entendimento do conteúdo.

Nessa linha de pensamento, Schroeder (2009) mostra, em uma de suas pesquisas feitas com alunos do Ensino Médio na cidade de Guarapuava/ PR, que a utilização deste recurso tem resultados positivos quando aplicados adequadamente nas turmas. Da mesma forma que em “A triste partida”, a música “ Canção do Exílio” foi trabalhada em uma das turmas analisadas por Schroeder, sob a perspectiva de pertencimento local e, assim, como na turma de 1º ano do Ensino Médio da Escola Polivalente, esta metodologia adicional foi bem acolhida pelo público-alvo.

Na turma do 2º ano, já no primeiro encontro, sentiu-se imediata aceitação com relação a inserção da intervenção/colaboração dos bolsistas do PIBID e das contribuições que o grupo propôs para as aulas de Geografia. O conteúdo trabalhado pela professora titular referia-se a organização do espaço brasileiro, incluindo-se o conceito de espaço geográfico na perspectiva de organização e transformação contínua.

Considerando se tratar de turmas de Ensino Médio, a busca por metodologias alternativas ao uso do livro didático deve ser uma constante no dia-a-dia do profissional docente. O recurso vídeo significa para os alunos um momento de lazer, não de aula propriamente dita. No entanto, este mesmo recurso abre um leque de possibilidades de análise, cabendo ao professor identificá-las e atrair os discentes para a temática a ser trabalhada em sala de aula, desenvolvendo neles a capacidade de olhar múltiplo a respeito dos variados recortes da realidade (FERREIRA, 2010, p.23). Dessa maneira,

(...) o papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo (BARBOSA, 2003, p.113).

A fim de contemplar o conteúdo constituição e organização espacial do Brasil, e enriquecer o trabalho da professora regente, levou-se para sala de aula um vídeo de curta duração, uma pequena aula que, de forma objetiva e clara, exerceu papel de suporte para todo o conteúdo trazido pelo tradicional livro didático, principal material utilizado nas aulas. A partir da compreensão do processo de ocupação do espaço brasileiro, buscou-se trabalhar a categoria geográfica espaço, fazendo com que os discentes direcionassem seu olhar para as diversas e significativas mutações sofridas pelo espaço em decorrência da ação humana; conseqüentemente, a categoria paisagem foi analisada, uma vez que esta é o reflexo da ação do ser humano sobre o espaço.

Durante o desenvolvimento da aula, a participação da turma foi notória e poucos alunos não deram sua contribuição para a discussão, mostrando que um dos objetivos do planejamento havia sido atingido e a proposta estava inserida “naquilo que se pretendia trabalhar, em um processo de buscas de interpretações, com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo” (CAMPOS, 2006, p.3).

A utilização de vídeos, filmes e/ou documentários nas abordagens dos conteúdos de Geografia é um recurso metodológico pertinente e bastante usado nas turmas de Ensino Médio, podendo-se citar o trabalho de Frigotto (2011) que, a partir da utilização do filme “Desafio no Ártico” buscou explorar as amplas possibilidades de análise deste recurso audiovisual, como a das categorias paisagem, lugar e espaço geográfico, alcançando resultados satisfatórios.

Nesse sentido, na turma do segundo ano da Escola Polivalente, durante a abordagem sobre a constituição do território brasileiro, através do vídeo/filme previamente escolhido, foi possível discutir estes conceitos basilares da ciência geográfica. A mesma experiência foi

proposta por Ferreira (2010), no município de Campo Mourão- PR, onde com alunos do segundo ano do ensino médio foi discutido o filme “Migrantes”, retratando características locais da região Nordeste, podendo-se associar as discussões às categorias geográficas, além da abordagem social e econômica que contempla.

A iniciativa de trazer para a sala de aula filmes/ documentários que dinamizem o processo ensino-aprendizagem possibilita, de acordo com Ferreira (2010), o questionamento de várias temáticas como evidenciado nas discussões com a turma do 2º ano médio da Escola Polivalente.

Ainda na perspectiva da utilização de filmes no processo de ensino, pode-se citar o trabalho de Souza e Melo (2013) que, a partir da utilização de curtas-metragens em turma de 9º ano do Ensino Fundamental conseguiram excelentes resultados no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. Assim, esta atividade “está intimamente relacionada a uma concepção de Geografia voltada para a observação, análise e interpretação do espaço produzido pela sociedade e a apropriação que esta sociedade faz da natureza (GUIMARÃES, 1993, p. 85)”.

Nesse sentido, a percepção das categorias de análise desta ciência se mostram relevantes para o entendimento da totalidade sócio-espacial, como verificado por Guimarães (1993) quando afirma, em suas considerações acerca do desenvolvimento de proposta também com o uso de curtas-metragens que, a partir do uso desta metodologia foi possível trabalhar temas e conceitos fundamentais para a compreensão da Geografia.

Logo, a adoção de novos materiais na busca por um ensino de maior significância para os alunos propõe minimizar a simplificação do conhecimento geográfico e o tradicionalismo imposto pelo uso exclusivo do livro didático, obviamente há de se considerar sua importância já que este é a ferramenta presente em todas as escolas e, por vezes, a única. Porém, cabe ao profissional docente procurar dinamizar a abordagem dos conteúdos a fim de contribuir para um melhor processo ensino- aprendizagem, como vem sendo feito nas turmas do ensino médio da Escola Polivalente, Campina Grande, mediante a atuação da equipe PIBID.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dinâmica educacional, especificamente nas escolas da rede pública, merece maior atenção, uma vez que não é difícil perceber que este processo encontra-se envolto por dificuldades no que concerne às deficiências estruturais, dos alunos e dos professores das diversas áreas do saber, inclusive da Geografia. A proposta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência surgiu nesse cenário, no sentido de proporcionar novas experiências

para professores atuantes e em formação, além de permitir que os alunos tivessem a oportunidade de ter contato com metodologias diferentes, que tiveram como propósito incentivá-los à aquisição de novos conhecimentos.

Durante o período de atuação na escola, foi possível perceber que os alunos receberam positivamente as intervenções dos bolsistas do PIBID durante as aulas de Geografia, alguns deles afirmando que as aulas se tornaram mais atraentes, despertando o interesse pela participação durante as discussões, pelo fato da utilização de metodologias variadas e pela relação de proximidade estabelecida entre a equipe e os discentes.

Com relação ao resgate das categorias espaço, paisagem e lugar, no contexto do conteúdo programático seguido pela professora supervisora, pode-se avaliar que houve feedback com os alunos, que participaram com exemplificações, conseguindo relacionar as diversas escalas geográficas, conseguindo, dessa forma, encontrar um significado para o ensino de Geografia.

Considerando a realidade das escolas públicas, este projeto buscou trabalhar de maneira coerente, aproveitando os recursos disponíveis e estruturando formas diferenciadas de contribuir para o processo ensino-aprendizagem. A Escola Polivalente, por sua própria estrutura e pelo apoio que proporciona à equipe, tem sido espaço de construção do conhecimento geográfico na medida em que este tem sido atribuído de novo significado para os alunos.

Logo, a proposta do PIBID tem sido desenvolvida de modo a propiciar melhorias no processo ensino-aprendizagem no âmbito do ensino público da Escola Polivalente, até então os objetivos vem sendo alcançados, almejando-se contribuir ainda mais para que se formem cidadãos conscientes e aptos ao entendimento do contexto no qual vivem, já que a ciência geográfica exerce papel direto nesse processo.

## **AGRADECIMENTOS**

As autoras agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, M. C. de. Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

- ASSARÉ, P do. A triste partida. Disponível em: <<http://poema.com.br/poesias.php?id=73>>. Acesso: 13 jul. 2013.
- BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In.: CARLOS, A. F. A. et. al. (org.). A Geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003, p. 109-133.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- CAMPOS, R. R de. Cinema, Geografia e Sala de aula. Estudos Geográficos. Rio Claro, v. 4, n.1, p. 1-22, junho, 2006.
- CAVALCANTI, L. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 17 ed. Campinas-SP: Papirus, 1998.
- CLAVAL, P. Epistemologia da Geografia. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.
- CORREIA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- FERREIRA, E. C. O uso de audiovisuais como recursos didáticos. 2010, 120 f. Dissertação (stricto sensu). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e Geografia, 2010.
- FRIGOTTO, T. S. et. al.. A linguagem fílmica nas aulas de Geografia. In.: X EDUCERE. Anais... Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.
- GUIMARÃES, I. V. (et. al.). Ilha das Flores: luz, crítica e ação nas aulas de Geografia e História. Ensino em Re-Vista, V. 2, n. 1, p. 83-87, jan./dez., 1993.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=parai+ba|campina-grande>>. Acesso: 25 fev. 2014.
- MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MOREIRA, R. Repensando a Geografia. In: \_\_\_\_\_. Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982.
- \_\_\_\_\_. O que é geografia. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- \_\_\_\_\_. Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ONGARO, C. de F. et. al.. A importância da música na aprendizagem. UNIMEO/CTESOP, 2006.
- ROCHA, G. O. R. Uma Breve História da Formação do professor de Geografia no Brasil. Revista Terra Livre, 2000, v. 15, p. 129-144..

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. 5º Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHROEDER, H. *A música como linguagem no espaço geográfico urbano*. Programa de Desenvolvimento Educacional- PDE. Guarapuava-PR, 2009.

SILVA, G. K. P. da et. al. (Re) Conhecendo o “lugar” de vivência por meio do uso de Geotecnologias e trilhas interpretativas: uma experiência no município de Agudo- RS. *Geosaberes*, Fortaleza, v.2, n. 3, p. 3-17, jan./jul. 2011.

SOUSA, A. S.; MELO, J. A. B. de. A globalização como possibilidade de intervir no cotidiano das aulas de Geografia. *Revista de Geografia (UFPE)* V. 30, N. 1, 2013, p. 73-90;

SUERTEGARAY, D. M. A. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, n. 93, 2001, p. 1-20.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL. 1983.